

PAISAGENS DE DESCENTRAMENTO E DOR: AS RUÍNAS EM O FILHO DA MÃE, DE BERNARDO CARVALHO.

Maria Fernanda Garbero de Aragão Ponzio (ESEM)
nandagara@yahoo.com.br

Publicado em 2009, *O filho da Mãe*, de Bernardo Carvalho, apresenta uma mistura de narradores, tempos e espaços, além de propor um jogo ficcional em que o descentramento se torna responsável pela constituição desses elementos. O conflito identitário experimentado pelas personagens ocorre numa paisagem marcada pelo assombro da guerra e pela necessidade de reconstrução, o *facelifting* capaz de investir essa paisagem de uma novidade viável ao apagamento de suas fissuras.

Às vésperas da comemoração do tricentenário de São Petersburgo, a narrativa é iniciada marcando-se no tempo e no espaço, para, nos capítulos seguintes, romper com a linearidade do primeiro instante, e ser projetada na passagem das três semanas seguintes. Heterocronicamente (FOUCAULT, 1984), o leitor é levado à ruptura com seu tempo tradicional, experimentando, na modelação ficcional, os trânsitos e desencontros escritos na paisagem de obras e escombros. A nuvem branca, que reveste o cenário da São Petersburgo de Bernardo Carvalho, reflete o espaço inóspito em que mães e filhos tentam reconstruir seus laços consanguíneos. Assim como a cidade empoeirada por suas obras, as relações afetivas acontecem em meio aos escombros do passado, tempo a que se agrega uma noção presente, ao conduzir os percursos das personagens em busca do vivido e do interrompido. Em ruínas, as personagens evidenciam identidades em demolição e soerguimento. Erguidas em meio aos entulhos, tanto nos que denotam imagens da reconstrução física de São Petersburgo, quanto nos que propõem um caminho de reelaboração da memória traumática, as paisagens configuram uma moldura instável, inscrita na guerra e na tragédia particular vivenciada pelas personagens de *O filho da Mãe*.